



## A microestrutura em verbetes da área da Linguística

### *Microstructure in entries within the field of Linguistics*

Guilherme Fromm

Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, Minas Gerais / Brasil

guifromm@ufu.br

<https://orcid.org/0000-0001-5654-0135>

Márcio Issamu Yamamoto

Universidade Federal de Goiás, Regional Jataí (UFG/REJ), Jataí, Goiás / Brasil

marcioiy@ufg.br

<https://orcid.org/0000-0001-9792-8187>

**Resumo:** A Lexicologia, a Lexicografia, a Terminologia e a Terminografia, todas subáreas da Linguística, abarcam os estudos teóricos e a produção de dicionários, de vocabulários e de glossários. Este artigo objetiva o estudo da microestrutura de verbetes de especialidade em dicionários de Linguística e a proposta de um paradigma definicional para os termos linguagem e Linguística Descritiva. Para tanto, definimos o que são as microestruturas conforme as normas da ISO 1087 e as contribuições de Rey-Debove (1971), de Hartmann e James (2002), de Béjoint (2010) e outros. Abordamos as definições de *outside matter*, *middle matter* e *back matter*. Em seguida, exploramos os paradigmas informacional, definicional e pragmático, sem deixar de considerar o paradigma de formas equivalentes para dicionários bilíngues. A seguir, baseamo-nos nas normas ISO 1087 e na teoria de Barbosa (1995, 2001) para definir o que é um dicionário, um vocabulário e um glossário. Depois, fizemos um breve estudo comparativo entre alguns dicionários de especialidade pertencentes à área da Linguística. Nessas obras, fizemos a análise da microestrutura: dos enunciados lexicográficos e dos paradigmas definicionais, focando nos verbetes linguagem e fraseologismos do termo signo, e diferenciamos o que é a microestrutura de um dicionário e a de um glossário. Finalmente, após a exposição dos conceitos e análise das obras, propusemos padrões de microestrutura e definitórios, em diferentes áreas da Linguística, cujo público-alvo seria o alunado leigo dos Cursos de Letras.

**Palavras-chave:** terminologia; terminografia; dicionários de especialidade; macroestrutura; microestrutura.

**Abstract:** Lexicology, Lexicography, Terminology and Terminology, all sub-areas of Linguistics, encompass theoretical studies and the making of dictionaries, vocabularies and glossaries. This article aims to study the microstructure of specialized entries in dictionaries of Linguistics and the proposal of a definitional paradigm for the term language and sign phraseologies. To that end, we defined the microstructures according to ISO 1087 norms and the contributions of Béjoint (2010), Rey-Debove (1971), Hartmann and James (2002) and others. We approach the definitions of outside matter, middle matter and back matter. Next, we explore the informational, definitional and pragmatic paradigms, while considering the paradigm of equivalent forms for bilingual dictionaries. Then, we rely on ISO 1087 and Barbosa's theory (1995, 2001) to define what a dictionary, a vocabulary and a glossary is. Afterward, we carried out a brief comparative study among some specialty dictionaries in the area of Linguistics. In these works, we analyzed the microstructure: lexicographic statements and definitional paradigms, focusing on the entries language and sign phraseologies, and we distinguished what the microstructure of a dictionary and a glossary is. Finally, after the exposition of the concepts and analysis of the works, we proposed a microstructure and a definition standard for the entries *language* and *descriptive linguistics*, in the area of Historical Linguistics, whose target audience would be the freshmen from Language and Literature courses.

**Keywords:** terminology; terminography; specialized dictionaries; microstructure.

Recebido em 26 de abril de 2019

Aceito em 30 de outubro de 2019

## 1. Introdução

O objetivo deste artigo foi estudar a microestrutura de verbetes na área de Linguística em alguns dicionários/glossários de especialidade e propor uma microestrutura e um paradigma definicional para uma obra terminográfica na área da Linguística.

O interesse pelo tema surgiu a partir da seguinte pergunta: podemos distinguir um glossário (ou vocabulário, dependendo da linha teórica adotada<sup>1</sup>) de um dicionário a partir da microestrutura de seus verbetes? Encontramos algumas problemáticas quando verificamos verbetes de dicionários/glossários: a microestrutura de ambos não se diferencia de obra para obra; a microestrutura varia dentro de uma mesma obra lexicográfica e/ou terminográfica. Será que só a macroestrutura,

---

<sup>1</sup> Como a divisão tripartite adotada por Barbosa (1995): dicionário, vocabulário e glossário.

com a quantidade e os tipos de verbetes selecionados, poderia nos indicar uma diferença entre um e outro? Nossos objetivos são, primeiramente, analisar como são arquitetadas as macroestruturas dessas obras a partir da proposta de Hartmann e James (2002). Em segundo lugar, definir o que são as microestruturas de obras lexicográficas e terminográficas e, através de um estudo comparativo entre alguns dicionários de especialidade e glossários na área de Linguística, achar, se possível, o que é específico numa microestrutura de dicionário e o que é específico numa microestrutura de glossário.

A fim de embasar nossa proposta, descreveremos as definições da macro e da microestrutura baseados das seguintes fontes: (i) ISO 1087, (ii) Rey-Debove (1971), (iii) Hartmann e James (2002) e (iv) Béjoint (2010). Ademais, tratamos dos tipos de padrões de definição segundo Bevilacqua e Finatto (2006).

O *corpus* de análise selecionado enfoca quatro dicionários na área de Letras, pertencentes à área de Linguística:

- (i) o **Dicionário de Linguística e Gramática**, de Mattoso Camara Jr. (1986);
- (ii) o **Dicionário de Linguística e Fonética**, de Davis Crystal, tradução e adaptação de Maria Carmelita Pádua Dias (2000);
- (iii) o **Dicionário de Linguística**, de Dubois *et al.* (2004); e
- (iv) o **Dicionário de Linguística da Enunciação**, de Valdir do Nascimento Flores *et al.* (2009).

Para analisar a microestrutura, decidimos trabalhar com dois verbetes, um substantivo comum em todos eles: **linguagem** e fraseologias envolvendo o termo **signo**. Acreditamos, por experiência na área, que essa classe gramatical, a dos substantivos, seja a mais comum, recorrente em obras terminográficas, dado registrado também pela literatura na área de Terminologia (SILVA, 2006). Analisamos fraseologias do termo **signo** considerando a afirmação de Aubert (2001, p. 66), a partir da qual entendemos que termos compostos por mais de uma unidade lexical são mais frequentes na terminologia que na Lexicografia.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup>“Com efeito, diferentemente do que ocorre na descrição lexicográfica (vide Cap. I, item 2.2), em que a grande maioria dos verbetes é composta de unidades monovocabulares, as designações descritas pela terminologia abarcam, com extrema frequência (não raro

## 2. Dicionário, Vocabulário e Glossário

O primeiro passo foi a diferenciação dos conceitos relacionados aos trabalhos terminográficos. Dentre as obras que fazem parte do *corpus*, encontramos quatro títulos, todos denominados dicionários (aqui englobando os dicionários de especialidade nas áreas de Linguística, Fonética e Linguística da Enunciação).

Adiante, discutiremos neste artigo as definições de (i) **dicionário**, (ii) **vocabulário** e (iii) **glossário**. Para tanto, apresentaremos dois modelos teóricos: um pertencente à norma ISO 1087 (AUBERT, 2001, p. 41) e o outro proposto por Barbosa (1995, 2001).

A normal ISO 1087 define dicionário da seguinte forma:

**“6.2.1 dicionário:** coleção estruturada de unidades lexicais com informações linguísticas acerca de cada item.” (tradução nossa).<sup>3</sup>

Já a definição de um dicionário terminológico (ou técnico) apresenta-se conforme exposto abaixo:

**“6.2.1.1 dicionário terminológico** (termo admitido: **dicionário técnico**): Dicionário (6.2.1) no qual há dados terminológicos (6.1.5) de um ou mais campos científicos específicos (2.2).”<sup>4</sup>

As definições previamente expostas são distintas daquela para **vocabulário**:

**“6.2.1.1.1 vocabulário** (termo admitido: **glossário**): **dicionário terminológico** (6.2.1.1) no qual há a terminologia (5.1) de uma área específica (2.2) ou de áreas de temas relacionados (2.2) e baseado em trabalho terminológico (8.2).”<sup>5</sup>

---

acima de 50% do inventário total), formas compostas de duas, três ou mais palavras” (AUBERT, 2001, p. 66).

<sup>3</sup> **6.2.1 dictionary:** Structured collection of lexical units with linguistic information about each item ISO 1087, p.10 (essa e as duas próximas definições).

<sup>4</sup> **6.2.1.1 terminological dictionary** (admitted term: **technical dictionary**): Dictionary (6.2.1) containing terminological data (6.1.5) from one or more specific subject fields (2.2).

<sup>5</sup> **“vocabulary** (admitted term **glossary**): terminological dictionary (6.2.1.1) containing the terminology (5.1) of a specific field (2.2) or of related subject fields (2.2) and based on terminology work (8.2)”

De acordo com a NORMA ISO 1087, é possível observar uma objetividade na forma de definir dicionário. Contudo, ao definir o dicionário técnico ou terminológico e o vocabulário ou glossário, a norma não distingue os limites claramente. Observamos que o diferencial entre o dicionário técnico e o vocabulário é que este é concebido a partir de um processo terminológico. Diante do exposto, os questionamentos que permanecem são: para a concepção de um dicionário técnico também não se faz necessário um trabalho terminológico prévio? Em realidade, as obras glossário e vocabulário são distintas ou não (neste contexto concebidas como sinônimos<sup>6</sup>)?

Tendo em vista essas dúvidas e os títulos dos dicionários analisados, resolvemos trabalhar com o modelo proposto por Barbosa (1995, 2001), o qual consideramos mais coerente.<sup>7</sup>

Barbosa (1995, 2001) enquadra as obras lexicográficas e terminográficas de acordo com os diferentes níveis de atualização da língua. As obras que lidam com o léxico manifestado nos lexemas, ao nível do sistema, são os dicionários. Aquelas cujo objeto são os conjuntos vocabulários (ou terminológicos), manifestados nos vocábulos ou termos, e abrangem o nível da norma são os vocabulários (técnico-científicos e especializados). Por fim, as obras que respondem pelo conjunto de itens provenientes de um texto específico, manifestados pelas palavras no nível da fala são os glossários. Essas informações estão melhor apresentadas no Quadro 1.

Podemos esquematizar essas e outras informações apresentadas pela autora no Quadro 1:

---

<sup>6</sup> Pelo menos na entrada em inglês da norma, o que parece não se repetir na versão em francês.

<sup>7</sup> De um modo geral, a maioria dos autores não se preocupa em inserir seus trabalhos dentro de alguma concepção teórica de tipologia das obras lexicográficas ou terminográficas. Eles costumam classificar seus trabalhos como glossários ou dicionários especializados, mas não indicam o padrão que estão seguindo e nem porque os nomearam desta ou daquela maneira.

QUADRO 1 – Diferença entre obras que trabalham com o léxico

Dicionário	Vocabulário	Glossário
Nível do sistema	Nível da norma	Nível da fala
Engloba o léxico disponível de forma geral	Engloba conjuntos pertencentes a uma área de especialidade	Engloba itens extraídos de um texto específico
Unidade: lexema (significado abrangente; frequência regular)	Unidade: vocábulos/termos (significado restrito; alta frequência)	Unidade: palavras (significado particular; aparição única)
Apresenta todas (teoricamente) acepções de um mesmo verbete	Apresenta todas as acepções de um verbete dentro de uma área de especialidade	Apresenta uma única acepção do verbete (dentro de um contexto determinado)

Fonte: sistematizado e adaptado a partir de Barbosa (FROMM, 2002).

### 3. Estruturas das obras e verbetes

É importante sabermos igualmente como se constituem estruturalmente as obras lexicográficas e/ou terminográficas. De um modo geral, essa estrutura está dividida em duas grandes partes: a macro e a microestruturas. Expomos, a seguir, suas características.

#### 3.1 A macroestrutura

A macroestrutura representa a estruturação geral das obras lexicográficas ou terminográficas. Segundo Rey-Debove (1971, p. 21), esta macroestrutura também pode ser denominada “nomenclatura”. Já de acordo com a definição de Hartmann e James (2002), a **macroestrutura** de um dicionário é a estrutura generalizada de acesso a uma obra de consulta dicionarística. Isto implica em como as entradas são organizadas, geralmente na forma alfabética. Além dessa forma, os autores mencionam as entradas organizadas por campos semânticos, por dados cronológicos ou pela frequência. Hartmann e James (2002) trazem uma descrição mais detalhada para definir os componentes de uma macroestrutura. Ela seria constituída de três componentes:

- (i) *outside matter (front matter)*, constituindo-se do prefácio, o guia do usuário, a página como dados bibliográficos, os

agradecimentos e a dedicatória, a lista de colaboradores, a lista de abreviações e as ilustrações. Simplificando, poderíamos chamar este primeiro componente da **introdução** de um dicionário;

- (ii) *middle matter*, cuja composição seria de painéis, páginas ilustrativas, mapas, diagramas, esquemas, dados enciclopédicos, classificação de termos gramaticais, imagens e campos semânticos; e
- (iii) *back matter*, composta pela lista de nomes próprios, dados geográficos, classes militares, tabelas de pesos e medidas, abreviaturas, tabela de elementos químicos, fraseologias, notas musicais etc. Resumindo, a **parte final** de uma obra lexicográfica.

À junção desses três componentes: a *front/outside matter*, a *middle matter* e a *back matter*, os autores dão o nome de **megaestrutura**. Para Béjoint (2010) a macroestrutura, também chamada de lista de palavras, representa “o grupo de entradas sistematizado em ordem específica, utilizado parcialmente para uma leitura vertical, quando da busca por informações específicas por parte dos consulentes”, equivalente ao termo inglês *word-list*. Essa estrutura corresponde ao conjunto de itens lexicais presentes na mente dos consulentes de forma virtual.

Resumindo, podemos dizer que, no dicionário, a macroestrutura é composta pelo inventário lexical de uma língua determinada. Na próxima seção descrevemos a composição da microestrutura.

### 3.2 A microestrutura

A microestrutura, para a norma ISO 1087, é a “organização de dados de cada entrada de um dicionário”.<sup>8</sup> Ela disponibiliza dados sobre as entradas e é composta de um número específico de informações ou campos que podem ser alterados, de acordo com a tipologia do dicionário, trazendo dados como: pronúncia, etimologia, sinônimos, ortografia etc., ou seja, ao nos referimos à microestrutura, estamos considerando o verbete *per se* e os dados sobre ele (BÉJOINT, 2010, p. 13).

De acordo com Andrade (2000), a **microestrutura** de um verbete seria composta, basicamente, por: *artigo + enunciado lexicográfico*. A composição desse enunciado se dá em quatro possíveis níveis:

<sup>8</sup> “6.2.2 Microstructure: Organization of data in each entry (6.2.2.2) of a dictionary (6.2.1)”. (ISO 1087).

- **Paradigma Informacional (PI):** englobando abreviaturas, categoria gramatical, gênero, número, pronúncia, conjugação, homônimos etc.;
- **Paradigma Definicional (PD):** composto pelos semas ou unidades de sentido;
- **Paradigma Pragmático (PP):** disponibiliza dados provenientes de contextos reais de língua (como *corpora*) ou literários (abonações).
- **Paradigma de Formas Equivalentes (PFE):** basicamente, a tradução da entrada.

Exceto pelo Paradigma Definicional, consensualmente considerado como essencial na composição de uma microestrutura, os outros podem apresentar uma composição variável, de acordo com a linha teórica adotada, o público-alvo, as diretrizes de publicação da obra etc. Uma possibilidade de **microestrutura** básica se apresentaria, portanto, da seguinte maneira:

**Artigo**= {+ entrada<sup>9</sup> + enunciado lexicográfico (+ definição)}<sup>10</sup>

Poderíamos, porém, criar um verbete com a seguinte microestrutura:

**Artigo**= {+ entrada + enunciado lexicográfico (+/- PI + PD +/- PP)}

Como em qualquer obra lexicográfica ou terminográfica, uma pesquisa com o público-alvo é o que indica a forma de elaboração das estruturas (macro e micro) do trabalho. Sem um estudo prévio desse público-alvo, a obra de referência pode “falhar” em sua proposta. Campos (1994) já chamava a atenção para esta questão: “...o problema da clareza da definição está diretamente ligado a um questionamento anterior: quem é o público-alvo do dicionário”.<sup>11</sup> Ele destaca o trabalho de elaboração do dicionário Cobuild, com uma microestrutura diferenciada:

**Artigo**= {+ entrada + enunciado lexicográfico (+ PP [+ entrada] + PD)}

<sup>9</sup> O verbete, ou a entrada do dicionário/glossário.

<sup>10</sup> Onde o sinal + representa a obrigatoriedade e o sinal +/- a opcionalidade.

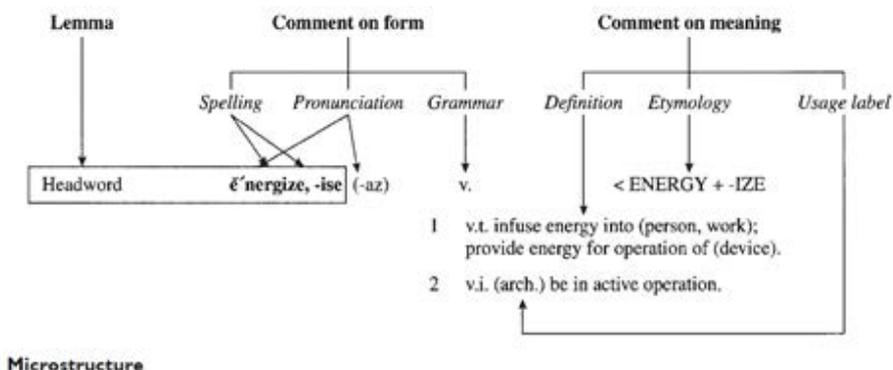
<sup>11</sup> “El problema de la claridad de la definición está estrechamente ligado con una cuestión previa: a quién está dirigido el diccionario”.

Fica claro, na estrutura acima, que a entrada aparece duas vezes no artigo: como entrada em si e repetida dentro da microestrutura, entre o paradigma pragmático e o definicional. Campos (1994) também cita a preocupação dos autores da obra no uso de um vocabulário o mais básico possível na construção da definição, facilitando sua leitura e evitando a circularidade dentro do dicionário.

Continuando com noções sobre a **microestrutura**, Hartmann e James (2002) dizem que ela está relacionada ao formato dos verbetes, em como os paradigmas definicionais são apresentados, e qual é o seu nível de adequação, levando-se em consideração o seu público-alvo. Outro aspecto a se considerar na microestrutura é como a organização dos significados dos verbetes é construída. A microestrutura disponibiliza dados específicos e pormenorizados sobre o verbeito, especificando traços semânticos e estruturais citados previamente tais quais, a pronúncia, a classe gramatical, a ortografia, a etimologia etc. Nos casos em que há mais de uma aceção para um dado verbeito, diferentes definições são concebidas para cada uma delas.

A exemplificação de uma microestrutura com seus componentes é feita por Hartmann e James (2002), como mostra a Figura 1 a seguir.

FIGURA 1 – Uma microestrutura segundo a proposta de Hartmann e James (2002)



Na estrutura presente na Figura 1, observamos que há o verbeito, a entrada ou o lema (*headword/lemma*); em seguida, são apresentados os dados referentes à ortografia, à pronúncia e à gramática; na sequência, encontramos a definição propriamente dita, com as aceções possíveis, separadas por ponto e vírgula, a etimologia e o possível uso do lema, neste caso como arcaísmo linguístico.

Além da estrutura apresentada na Figura 1, os autores propõem que à **microestrutura** também podem se juntar a entrada ou o verbete, o conceito pertencente aquele termo, o registro da primeira aparição ou uso (em geral acompanhado da definição em uma obra de referência). Além desses dados, há a possibilidade de se estabelecer as correspondências entre o termo e seu conceito.

Béjoint (2004) é outro autor que trata da **microestrutura**, definindo-a como o conjunto de dados disposto horizontalmente nas obras lexicográficas e/ou terminográficas. Na microestrutura podemos encontrar as definições, as classificações gramaticais dos termos, as informações enciclopédicas, os exemplos etc. Em um dicionário ou vocabulário, é esperado que essa estrutura seja recorrente para que o manuseio da obra, pelo usuário, seja facilitado. Outra razão para tal recorrência estrutural é a necessidade de padronização, e também o fato de revelar os traços identitários da obra. Diante disso, há a expectativa de que os dicionários modernos tragam em sua elaboração, constituição e apresentação a uniformidade de suas entradas em termos de conteúdo, organização e formatação.

### 3.3 Microestrutura x Macroestrutura

Ao compararmos as propostas de estruturas levantadas por Hartmann e James (2002) e Béjoint (2004), constatamos que a **macroestrutura** é um componente constituído de certa maleabilidade, o que significa que é possível adicionar ou subtrair um verbete de um dicionário sem prejudicar a qualidade da mesma. De igual modo, não se pode conceber uma obra lexicográfica sem sua **macroestrutura**; na ausência de tal componente, a obra falha em ser classificada como um dicionário. O que identifica um dicionário é a interação que há entre a macro e a microestrutura: todos os verbetes fazem parte de uma **macroestrutura** e, conseqüentemente, apresentam uma **microestrutura**, e todos os itens lexicais constitutivos da **microestrutura** devem, em geral, ser contemplados na **macroestrutura**, isto é, os dicionários são estruturas “fechadas” (BÉJOINT, 2004, p. 12, 13).

O aspecto fechado de uma obra lexicográfica é em partes diferente do que encontraremos em obras terminográficas. Segundo Bevilacqua e Finatto (2006), o fazer lexicográfico, por objetivar o registro do léxico de uma língua, em geral privilegia o princípio da frequência para o registro das unidades lexicais. Em contrapartida, as obras terminográficas tenderão a partir do princípio da relevância do termo para uma área

específica a fim de decidir pelo seu registro ou não. Como analisamos obras intituladas **Dicionários**, esse paradigma norteador será considerado para o enquadramento da obra como sendo de caráter mais lexicográfico ou terminográfico.

#### 4. Elaboração da definição

O terceiro passo que detalhamos aqui, para a análise das obras, é a construção da definição. Existem três grandes paradigmas de definições usados para a organização dos conceitos em uma obra: (i) a definição enciclopédica, (ii) a definição lexicográfica e a (iii) terminológica, definidas a seguir.

A definição enciclopédica é mais detalhada e abrangente, reunindo em si informações sobre o referente e sobre a descrição de coisas; a definição lexicográfica disponibiliza predominantemente as informações linguísticas dos verbetes/palavras; e, finalmente, a definição terminológica, disponibiliza dados formais sobre “coisas” ou fenômenos (FINATTO, 1998, p. 2).

Além desses padrões, as informações podem ser organizadas de acordo com o padrão GPDE (também denominado aristotélico), gênero próximo, diferenças específicas (FINATTO, 2001). Esse padrão estabelece que as informações usadas para construção da definição do termo sejam hierarquizadas, partindo-se da relação de hiperonímia para a de hiponímia dos elementos usados na construção da definição final.

No próximo item, apresentamos o *corpus* usado para análise das micro e macroestruturas e sua descrição.

#### 5. Dados analisados – microestrutura

São apresentadas, no Quadro 2, as estruturações dos verbetes (por uma questão de espaço, descreveremos apenas o Enunciado Lexicográfico; suas versões na íntegra se encontram no anexo) do termo **linguagem** e de fraseologismos<sup>12</sup> para o termo **signo** dentro de cada obra, a fim de analisarmos suas respectivas microestruturas.

---

<sup>12</sup> Entendemos por fraseologismo unidades lexicais constituídas pela polilexicalidade (combinações de duas ou mais UL, formando um sentido único), a fixação e a convencionalidade (proveniente do uso repetitivo), como proposto por Monteiro-Plantin (2014).

QUADRO 2 – Microestrutura – Enunciados lexicográficos

DICIONÁRIO	TERMOS	
	Linguagem	Fraseologismos terminológicos com <i>signo</i>
<b>Dicionário de Linguística e Gramática</b>	{[PD + PP]} Unidades sintagmáticas	<i>Signo linguístico</i> : acepção de dêixis [PD]
<b>Dicionário de Linguística e Fonética</b>	[PD + PP] Unidades sintagmáticas [PD]	<i>Signo linguístico</i> : acepção de signo [ PI + PD]
<b>Dicionário de Linguística</b>	[PD + PI]	<i>signo-símbolo</i> [PD]
<b>Dicionário de Linguística da Enunciação</b>	{[PI (categoria gramatical + autor) + PD]} [PP (Outras denominações)] [PD] [PP (Fonte da definição + Nota explicativa + Fonte da nota + Leitura recomendada + Termos relacionados) ]	<i>Signo ideológico</i> {[PI (categoria gramatical + autor) + PD]} [PP (Fonte da definição + Nota explicativa + Fonte da nota + Leitura recomendada + Termos relacionados)]

Fonte: elaborado pelos autores a partir dos dicionários selecionados

No caso do **Dicionário de Linguística e Gramática** (MATTOSO CAMARA JR., 1986), primeiramente observamos que a obra não dispõe de um paradigma informacional: não traz informações como classificação gramatical dos termos, o gênero, o número, a pronúncia etc. (tanto para o termo em si quanto para o fraseologismo). Em segundo lugar, o paradigma pragmático aparece apenas no termo linguagem, mas não no fraseologismo terminológico (doravante FT) signo linguístico; o paradigma informacional não aparece em nenhum momento. O autor marca as remissivas de duas formas diferentes: (1) verbete em caixa alta ou (2) com a letra v entre parênteses: (v.). Finalmente, constatamos, a partir dos exemplos, que há uma circularidade na obra como um todo. Por exemplo, para definir o termo *signo*, o autor recorre às remissivas *símbolo* e *dêixis*. Na entrada *símbolo* o autor define o termo *signo* e na entrada *dêixis* ele define o FT *signo linguístico* (que é definido no

formato de acepção<sup>13</sup>). Dentro deste PD, o autor insere a definição de *signo linguístico* por meio de um contexto explicativo, no qual o signo é marcado por dois constituintes: o símbolo e o sinal.

No **Dicionário de Linguística e Fonética** (CRYSTAL, 2000), para o termo *linguagem* encontramos os paradigmas definicional e o pragmático. A palavra *ver* introduz o paradigma pragmático e, na sequência, há a citação das referências: o autor e o ano, dois pontos e o capítulo sugerido para leitura. Ex.: Ver Robins (1979, Cap. 1). Encontramos o FT *signo linguístico* como elemento constituinte da microestrutura do termo *signo*, ou seja, ele não é apresentado como um verbete à parte e sim como acepção. O paradigma definicional de *signo linguístico* é construído de forma explicativa, no qual o autor o contrapõe às outras categorias do signo.

Na obra **Dicionário de Linguística** (DUBOIS *et al.*, 2004), o verbete *linguagem* apresenta os paradigmas definicional e pragmático; o paradigma informacional disponibiliza dados como: etimologia e classificação gramatical para alguns verbetes de forma não padronizada. Os autores explicam os conceitos de signos a partir da perspectiva da **Semiótica**. Dessa forma, eles associam o conceito de signo aos conceitos pré-existentes da Semiótica; essa é a razão pela qual os FT *signo-indício*, *signo-sinal*, *signo-símbolo* e *signo(s) linguístico(s)* fazem parte do paradigma definicional do verbete *signo*. Escolhemos o FT *signo-símbolo* para fazermos a análise de seu paradigma definicional. Primeiramente, Dubois *et al.* (2004) associam o signo ao conceito de *símbolo*, ressaltando sua predominância na forma visual figurativa. Depois, os autores definem o FT e ressaltam o traço semântico abstrato existente entre o *signo-símbolo* e sua representação, exemplificado pela ideia de justiça associada à balança (DUBOIS *et al.*, 2004, p. 541).

No **Dicionário de Linguística da Enunciação** (FLORES *et al.*, 2009), a macro e a microestrutura disponibilizam um padrão mais atual de definições ao usuário, no qual há campos diferentes para as estruturas. Nestes campos, como no termo *linguagem*, há a (1) classificação gramatical, o (2) autor, (3) outras classificações (termos e FT), o (4) padrão definicional conciso e objetivo (padrão GPDE com oração única),

---

<sup>13</sup> Neste caso o FT *signo linguístico* não aparece no formato tradicional de entrada, mas sim como acepção (também num formato não tradicional). De um modo geral, a obra de Mattoso apresenta o problema de circularidade.

a (5) fonte da definição, a (6) fonte das notas, as (7) notas explicativas, os (8) termos remissivos e a (9) sugestão de leitura. Nesta obra, o FT *signo ideológico* é apresentado, seguindo a padronização da obra, com o PI, o PD e o PP. No PI, os autores trazem a categoria gramatical (s.m.) e o autor a partir do qual o conceito para definição foi extraído. Em seguida, há o PD, de perfil terminológico, seguido pelo PP, no qual consta a fonte da definição, a nota explicativa, de caráter enciclopédico, a fonte da nota (BAK95b), as leituras recomendadas (BAK95b; CLA98; FAR03) e, finalmente, os termos relacionados (remissivas) acento de valor, refração e sinal.

Na próxima seção apresentaremos a análise dos paradigmas definicionais de cada obra. Posteriormente, faremos a análise desses paradigmas, considerando o padrão GPDE.

## 6. Análise dos paradigmas definicionais

A seguir, apresentamos a descrição dos paradigmas definicionais das obras analisadas, como os autores construíram esses paradigmas, os itens que os compuseram, e se enquadraram mais nos padrões de definição lexicográfica, enciclopédica ou terminográfica.

No **Dicionário de Linguística e Gramática** de Mattoso Camara Jr. (1986), o autor constrói um paradigma definicional com acepções sucintas, além de referenciar e conceituar o termo a partir da perspectiva de outros autores (cita o autor e ano da obra). Essa organização dos conceitos é sistematizada em forma de itens. Para os verbetes, observamos a existência de um paradigma definicional parcialmente lexicográfico, enciclopédico e terminológico. Mattoso Camara Jr. inicia a definição seguindo o padrão GPDE; depois observamos uma certa circularidade na construção, retomando informações previamente registradas.

Faculdade que tem o homem de **expressar seus estados mentais** por meio de um sistema de sons vocais chamado língua (v.), que os organiza numa REPRESENTAÇÃO compreensiva em face do mundo exterior objetivo e do mundo subjetivo interior. [...] A linguagem se realiza, em princípio, numa espécie de drama entre o FALANTE (a pessoa que a transmite) e o OUVINTE (a pessoa a quem ela se dirige) na base de um ASSUNTO (a parcela de **representação mental que nela se consubstancia**), mas na manifestação psíquica o ouvinte não é levado diretamente em conta. (MATTOSO CAMARA JR., 1986, p. 158 – grifo nosso).

É possível observar a circularidade de ideias na definição anterior, perfil que difere da definição terminográfica, mais concisa e objetiva.

No **Dicionário de Linguística e Fonética** (CRYSTAL, 2000), observamos uma microestrutura unificada, na qual grande parte dos verbetes são definidos com: termo utilizado/usado por/na etc. Como na obra de Mattoso Camara Jr. (1986), as microestruturas são de cunho enciclopédico, terminológico e lexicográfico. O paradigma definicional traz diagramas e esquemas para ilustrar os conceitos, além de indicar autores e obras por meio de remissivas. Se os verbetes existentes no dicionário são encontrados na obra, eles são grafados com letras maiúsculas, sinalizando aos consulentes que há a possibilidade de explorá-los na obra como uma remissiva. A segunda opção de encontrar as remissivas é a marcação em (cf. REMISSIVA). Nesse dicionário notamos o padrão GPDE com um paradigma de caráter não só definicional, mas também explicativo. Este perfil explicativo torna as definições mais longas e foge do perfil mais sucinto proposto pelo padrão da definição terminológica. Ademais, o autor se preocupou em fornecer dados sociolinguísticos do uso do termo, tendendo mais ao padrão enciclopédico: “A aplicação popular do termo se concentra nos modos de comunicação que não são fala ou escrita (a “linguagem do corpo”, a “linguagem dos olhos”). Pode ser aplicado ocasionalmente à comunidade animal natural [...]. Pode ser igualmente usado para indicar a “língua” ou o “dialeto”. Finalmente, observamos que no paradigma definicional, o autor insere várias remissivas, destacadas no texto, escritas com letras maiúsculas.

O **Dicionário de Linguística**, de Dubois *et al.* (2004), disponibiliza os paradigmas definicionais de cunho enciclopédico, lexicográfico e terminológico. Podemos observar que a definição de caráter enciclopédico é prevalente neste dicionário, de forma que o padrão GPDE é usado para construir as definições do termo (sublinhadas no excerto). Os autores partem de um dos conceitos usados nessas definições e buscam definir esse segundo termo; isso gera a explicação de um termo segundo dentro do paradigma definicional de um termo primeiro: “Linguagem é a capacidade específica à espécie humana de comunicar por meio de um *sistema de signos vocais* (ou *língua\**), [...] Esse *sistema de signos vocais* utilizado por um grupo social (ou comunidade linguística) determinado *constitui uma língua particular* (DUBOIS *et al.*, 2004, p. 387). Em suma, podemos dizer que há um conjunto de definições, dentro do mesmo paradigma definicional, o que pode confundir o leitor, dependendo de seu nível de conhecimento na área da Linguística.

No **Dicionário de Linguística da Enunciação** (FLORES *et al.*, 2009), constatamos que há a presença dos padrões definitórios de caráter lexicográfico e enciclopédico nas notas explicativas, e o de caráter terminológico nas definições. Nas definições, há a prevalência de uma oração inicial e final com a definição de cunho terminológico da entrada. Observamos também a preocupação em padronizar a apresentação dos verbetes e paradigmas definicionais de forma acessível aos leigos. Nesse dicionário, o padrão GPDE é usado para as definições de forma objetiva, segundo cada autor específico (Bally, Benveniste, Culioli, Jakobson): “conjunto dos sistemas estrutural e de uso da língua.” Além de seguir o padrão GPDE, os autores usam o padrão terminológico para construção do paradigma definicional. Este perfil adotado pelos autores difere das obras anteriores, já que nelas observamos definições longas, marcadas pela circularidade, às vezes enciclopédicas, outras lexicográficas.

## 7. Por uma proposta de microestrutura

Nesta seção, a partir do apanhado geral da microestrutura e dos PDs das obras analisadas, apresentamos uma proposta de construção de microestrutura que atenda ao público de estudantes de Linguística e Letras.

Considerando que, em geral, as obras terminológicas objetivam a comunicação especializada entre um grupo de especialistas para um grupo de aprendizes, a estrutura apresentada pela maioria das obras falha em atender a esse objetivo. Isto acontece porque as estruturas escolhidas pelos autores exigem um conhecimento prévio da Linguística, o que impede que a maioria das obras analisadas sirva ao propósito de capacitar o aprendiz quanto à terminologia e conceitos da área da Linguística. Para que este objetivo seja atingido, a proposta feita por Flores *et al.* (2009) pode ser um modelo a ser seguido. Sua definição objetiva e concisa, seguindo o padrão GPDE e com um viés terminológico, auxilia o leitor a entender melhor os conceitos linguísticos e as notas explicativas (com um caráter mais enciclopédico) ajudam aqueles que buscam um aprofundamento na especificidade dessa área.

Após a análise dessas estruturas, propomos padrões de microestrutura e definitórios para um vocabulário de Linguística, que apresentem estruturas semelhante àsquelas do *Dicionário de Linguística da Enunciação*. Buscamos construir uma definição alinhada ao padrão

terminológico, com informações de caráter lexicográfico e enciclopédico registradas em um campo denominado NOTA. O público alvo a ser atendido seriam alunos iniciantes de Curso de Letras e estudantes de Linguística em geral. Apresentamos, a seguir, dois esboços para os padrões discutidos, em formato bilíngue (português/inglês):<sup>14</sup>

QUADRO 3 – Verbete “linguagem/language”

**linguagem.** Linguística Histórica. **s.f.s.** sistema de sinais, escrito ou falado, usado pela humanidade para comunicação de ideias, marcado pela variabilidade, considerado uma ciência moral e histórica. **Nota:** forma de expressão linguística do pensamento, de nível consciente e abstrato. Ex.: Para Coutinho (1938: 16), a “Glotologia” (“denominação italiana”), “Linguística” (“termo preferido pelos franceses”) ou “Glótica” (“termo da escola alemã”) é a “ciência que estuda a origem e o desenvolvimento da linguagem. **Sinônimos:** ciência histórica e moral. **Hipônimo de:** humanidade; ideias; pensamentos; espírito; criação social; Glotologia. **Hiperônimo de:** sinais; sincronia; diacronia; sistemas linguísticos; vocábulos; linguagem escrita; linguagem falada. **Veja Também:** analogia, léxico. **Cópus:** *Posição na Ordem de Frequência:* (210); *Nº de Ocorrências do termo:* (439). **Informações Enciclopédicas:** Linguagem pode se referir tanto à capacidade especificamente humana para aquisição e utilização de sistemas complexos de comunicação, quanto à uma instância específica de um sistema de comunicação complexo. Em: *Linguagem* – Wikipédia.

**language.** Historical Linguistics. **n.m/f.s.** system used to produce meaning, reference and used by different groups of people for communication. **Note:** types of language comprise philosophical, sacral, baby, hunters’, legal, children’s, thieves’ and wooers’. Ex.: (Thieves using filchmans were popularly called anglers; -man, more often -mans, was a Common suffix in thieves’ language: H. Webster [1943:232]). **Hypernym of:** words; language; term. **See Also:** lexicon. **Corpus:** *Frequency order position:* (29); *Term number of occurrences:* (2686). **Encyclopedic Information:** any means of expressing or communicating, as gestures, signs, or animal sounds: body language. In: *Language* – Wikipedia.

Fonte: elaborado pelos autores.

<sup>14</sup> Importante notar, aqui, que as versões em português e inglês não são exatamente as mesmas. Como nossa proposta se baseia na elaboração das estruturas a partir dos exemplos selecionados em *corpora* equivalentes (textos sobre a mesma área, mas não necessariamente originais/traduições), exemplos e definições variam entre as línguas. Nesta proposta, temos dois vocabulários monolíngues em contraste; o que os une é a macroestrutura, onde a equivalência conceitual é a chave para unir os termos.

Como pode ser observado no Quadro 3, listamos o termo, a subárea a qual ele pertence, sua classificação gramatical, a definição terminográfica, a nota, os exemplos de co-texto no qual se insere, as relações de sinonímia, hiponímia, hiperonímia (caso existam no *corpus*), os termos remissivos, os dados no *corpus* e as informações enciclopédicas (ligadas por link à Wikipédia). No Quadro 4, apresentamos uma proposta de definição de fraseologismos terminológicas na área da Linguística.

QUADRO 4 – Verbete “linguística descritiva/descriptive linguistics”

**linguística descritiva.** Linguística. **m.s.** subárea da Linguística, de método sincrônico, que documenta e analisa as línguas do mundo, fundamentada em dados concretos cujo intuito é compreender o processo estrutural da língua. **Ex.:** Os linguistas nunca deixaram de afirmar a importância do aspecto histórico das línguas. Dentre estes, destacamos Maurer Jr. que concebeu a linguística composta em dois setores: a linguística descritiva (sincrônica) e a linguística histórica (diacrônica). Segundo o autor, a LH “constitui um complemento imprescindível para que essa ciência seja completa, pois interpreta e explica os fatos que a primeira (sincronia) colige.” (MAURER JR., 1967, p. 40). *Co-hipônimos:* Linguística Aplicada; Linguística Histórica; Linguística Estrutural; Linguística Histórica-Comparatista; Linguística Contrastiva. **Veja Também:** linguística. **Cópus:** *Posição na Ordem de Frequência:* (66); *Nº de Ocorrências do termo:* (7434). *Nº de Ocorrências do fraseologismo:* (18). **Informações Enciclopédicas:** estudo do mecanismo pelo qual uma dada língua funciona, como meio de comunicação entre seus falantes. Em: *Linguística Descritiva* – Linguística em foco.

**descriptive linguistics.** Linguistics. **n.m./f.s.** subarea of Linguistics that describes languages grounded in systematic empirical observation, rejecting the normative prescription of one specific style. **Ex.:** In this way, tone interval theory greatly increases the phonetic transparency of the description of English intonation as compared to the paradigmatic framework. That theory, by contrast, treated significant turning points with inconsistency, even when we assumed that its input-output relations operated as they have been presumed to in descriptive linguistics. In contrast, tone interval theory formalizes a relationship between phonology and phonetics such that every significant turning point is assumed to arise from a tone. *Hyponym of:* discipline. *Hypernym of:* American structuralism; intonation; phonetics; phonology; language; grammarians; lexicographers. **See Also:** linguistics. **Corpus:** *Frequency order position:* (5924); *Term number of occurrences:* (113). *Phraseologism number of occurrences:* (20). **Encyclopedic Information:** the work of objectively analyzing and describing how language is actually used (or how it was used in the past) by a group of people in a speech community. em: *Linguistic description* – Wikipedia.

A microestrutura do termo *Linguística Descritiva/Descriptive Linguistics*, retratada no Quadro 4, é semelhante àquela do Quadro 3, portanto, salientamos as diferenças presentes neste último se comparado ao anterior. A primeira diferença é que no Quadro 4 não há Notas, pois o *corpus* não trouxe informações suficientes para tal informação adicional. Neste padrão encontramos co-hipônimos (Linguística Aplicada; Linguística Histórica; Linguística Estrutural; Linguística Histórica-Comparatista; Linguística Contrastiva). Finalmente, a outra distinção é quanto ao número de ocorrências do termo e do fraseologismo no *corpus*. O número do termo é referente ao termo-base, neste caso linguística, e o número de fraseologismos, relacionado a quantas vezes a fraseologia aparece no *corpus*. Neste exemplo, temos o termo *linguística* recorrendo 7434 vezes no *corpus* em português e 113 vezes no *corpus* de inglês. Os termos fraseológicos *linguística descritiva* e *descriptive linguistics* recorrem 18 e 20 vezes, respectivamente.

Esses modelos são apenas dois, dentre vários possíveis, na construção de uma microestrutura terminológica. Como já citado anteriormente, essa microestrutura deve levar sempre em conta o público-alvo desejado. Tendo esta questão em mente, a elaboração da definição, por exemplo, deveria ser pensada a partir de uma pesquisa com esse público-alvo, para que ele decida qual tipo de definição é a mais apropriada para seu entendimento.

## 8. Conclusão

Neste artigo definimos os conceitos de dicionário, glossário e vocabulário a partir da perspectiva da Terminologia, e desenvolvemos um estudo analítico da macro e microestrutura de verbetes de especialidade em dicionários de Linguística, de Fonética e Linguística da Enunciação. Na análise da microestrutura de dicionários, definimos *outside matter*, *middle matter* e *back matter*. Exploramos os paradigmas informacional, definicional, pragmático e de formas equivalentes (obras bilíngues) e propusemos um padrão de microestrutura para um vocabulário de Linguística, direcionado para alunos iniciantes do Curso de Letras como público-alvo.

Como resultado da análise dos dicionários, observamos que as obras não compartilham de um mesmo padrão quanto à microestrutura nem quanto aos paradigmas definicionais. Há obras com perfil mais enciclopédicos e outra de cunho mais terminológico, revelando que o

nível de estrutura das informações, às vezes, é de obras que comunicam de especialista para especialista (*Dicionário de Linguística e Gramática* – Mattoso Camara Jr., *Dicionário de Linguística e Fonética* – David Crystal, *Dicionário de Linguística* – Dubois et al., 2004).

Obras de autores mais antigos da área da Linguística parecem nos mostrar que não havia uma preocupação pormenorizada com a taxonomia da área. Atualmente, é possível observar que as obras já são mais específicas, concebidas a partir de um olhar proveniente de subáreas da Linguística, como o *Dicionário da Linguística e Fonética* e da *Linguística da Enunciação*.

Concluimos que há algumas obras no mercado que buscam servir como dicionários ou vocabulários de Linguística, mas reconhecemos que a maioria delas não atende a necessidade dos alunos leigos, no que tange à definição dos termos linguísticos. Logo, ressaltamos essa necessidade e buscamos trazer uma alternativa de obra que possa atender esse público-alvo, aproximando-os da linguagem de especialidade, do conhecimento técnico, responsável pelo processo de denominação, nominalização e padronização dos termos. Propusemos uma microestrutura mais completa e, especificamente, um paradigma definicional dentro do padrão GPDE, de perfil terminológico, direcionado para alunos iniciantes como público-alvo.

Esperamos ter contribuído para despertar a discussão entre profissionais da área de Linguística, bem como estabelecer possíveis padrões que podem ser adotados na pesquisa terminográfica no contexto de falantes de língua portuguesa e inglesa.

### **Declaração de autoria**

Este artigo foi produzido de maneira colaborativa pelos autores: Guilherme Fromm e Márcio Issamu Yamamoto. Primeiramente, a introdução foi elaborada por ambos. Em segundo lugar, a seleção das obras analisadas constitui parte do doutorado em andamento, intitulado Vocabulário bilíngue de Linguística, conduzido por Yamamoto, sob a orientação de Fromm. Em seguida, o item 2, de Dicionário, Vocabulário e Glossário foi um aprimoramento dos conceitos apontados por Fromm em sua tese de doutorado; a fundamentação teórica da macro e microestrutura foi redigida por Yamamoto. Finalmente, a seção de Dados analisados, da microestrutura e dos paradigmas definicionais foram elaborados pelos autores, bem como a proposta de microestrutura, a conclusão e as referências.

## Referências

- ANDRADE, M. M. de. Conceituação/definição em dicionários da língua geral e em dicionários de linguagens de especialidades. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA: EM HOMENAGEM A ANTONIO HOUAISS, IV, 2000, Rio de Janeiro. *Anais do CNFL* [...]. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2000. [*Cadernos do CNFL*, série IV, n. 10: Semântica e Lexicografia.]
- AUBERT, F. H. *Introdução à metodologia da pesquisa terminológica bilíngue*. São Paulo: Humanitas Publicações; FFLCH/USP, 2001. [*Cadernos de Terminologia* 2].
- BARBOSA, M. A. Contribuição ao estudo de aspectos da tipologia de obras lexicográficas. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 24, n. 3, [s.p.], 1995.
- BARBOSA, M. A. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, I. M. (org.). *A constituição da normalização terminológica no Brasil*. 2. ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001.
- BÉJOINT, H. *Modern Lexicography: An Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- BÉJOINT, H. *The Lexicography of English. From Origins to Present*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BEVILACQUA, C. R.; FINATTO, M. J. B. Lexicografia e Terminografia: alguns contrapontos fundamentais. *Alfa*, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 43-54, 2006. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/textecc/textquim/arquivos/03-Bevilacqua-Finatto.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2015.
- CAMARA JR., M. *Dicionário de Linguística e Gramática: referente à língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- CAMPOS, M. C. *Sobre la elaboración de diccionarios monolingües de producción: las definiciones, los ejemplos y las colocaciones léxicas*. Granada, 1994.
- CRYSTAL, D. *Dicionário de Linguística e Fonética*. Trad. e adapt. de Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- DUBOIS, J. et al. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 2004.

FINATTO, M. J. B. Elementos lexicográficos e enciclopédicos na definição terminológica: questões de partida. In: KRIEGER, M. G.; MACIEL, A. M. B. (org.). *Temas de Terminologia*. Porto Alegre; São Paulo: Ed. Universidade; UFRGS; Humanitas; USP, 2001.

FINATTO, M. J. B. Elementos lexicográficos e enciclopédicos na definição terminológica: questões de partida. *Organon*, Porto Alegre, v. 2, n. 16, p. 1-8, 1998. Doi: <https://doi.org/10.22456/2238-8915.29563>. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29563>. Acesso: em 01 ago. 2015.

FLORES, V. do N. *et al.* *Dicionário de Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

FROMM, G. *Proposta para um modelo de glossário de informática para tradutores*. 2002. Dissertação (Mestrado) – FFLCH/USP, São Paulo, 2002.

HARTMANN, R. R. K.; JAMES, G. *Dictionary of Lexicography*. New York: Routledge, 2002. Doi: <https://doi.org/10.4324/9780203017685>

ISO 1087. Terminology – Vocabulary. ISO: Genebra, 1990.

ISO 1087. Norm 704: Terminology – Vocabulary. ISO: Genebra, 2009.

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. *Fraseologia: era uma vez um patinho feio no ensino de língua materna*. Fortaleza: Imprensa Universitária; UFC, 2014. v. 1.

REY-DEBOVE, J. *Étude linguistique et sémiotique des dictionnaires français contemporains*. La Haye; Paris: Mouton, 1971. Doi: <https://doi.org/10.1515/9783111323459>

ROBINS, R. H. *Pequena história da Lingüística*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

SILVA, M. C. P. Lexicografia bilíngue: uma verificação dos substantivos mais frequentes em dicionários bilíngues francês-português e português-francês. In: LONGO, B. N. de O.; SILVA, B. C. (org.). *A construção de dicionários e de bases de conhecimento lexical*. Araraquara: Ed. Cultura Acadêmica, 2006. p. 13-44. Doi: <https://doi.org/10.11606/d.8.2009.tde-03022010-095516>

**ANEXOS**  
**DICIONÁRIOS DE ESPECIALIDADE**

<b>DICIONÁRIO</b>	<b>TERMOS</b>
<p><b>Dicionário de Linguística e Gramática</b></p>	<p><b>LINGUAGEM</b> - Faculdade que tem o homem de exprimir seus estados mentais por meio de um sistema de sons vocais chamado língua (v.), que os organiza numa REPRESENTAÇÃO<sup>1</sup> compreensiva em face do mundo exterior objetivo e do mundo subjetivo interior. Pela atividade da linguagem ou FALA, - 1) faz-se a comunicação entre os homens – a) para transmissão de conhecimentos (função de informação), ou b) numa atuação de influenciamento psíquico de uns sobre outros (função de apelo); ou - 2) dá-se a exteriorização das paixões humanas sem intento direto de comunicação (função de exteriorização ou manifestação psíquica) (cf. Camara, 1959, 13s). A função da informação cria a linguagem intelectualiva pura, enquanto as do apelo e manifestação psíquica utilizam a representação linguística para a expressão do que se chama, em sentido lato, os “afetos” em contraste com a atividade de compreensão mental ou inteligência, criando a LINGUAGEM AFETIVA (cf. Bally, 1926).</p> <p>A linguagem se realiza, em princípio, numa espécie de drama entre o FALANTE (a pessoa que a transmite) e o OUVINTE (a pessoa a quem ela se dirige) na base de um ASSUNTO (a parcela de representação mental que nela se consubstancia), mas na manifestação psíquica o ouvinte não é levado diretamente em conta. Por outro lado, falante e ouvinte coincidem na mesma pessoa na atividade de linguagem chamada solilóquio (v.).</p> <p>A linguagem é uma faculdade imensamente antiga da espécie humana e deve ter precedido os elementos mais rudimentares da cultura material (Sapir, 1954, 23).</p> <p>LINGUAGEM AFETIVA [...] LINGUAGEM ESCRITA [...] LINGUAGEM INTELECTIVA [...] LINGUAGEM ORAL [...] LINGUAGEM SILENCIOSA [...]</p>
	<p><b>SIGNO</b> – v. símbolo; dêixis.</p> <p><b>SÍMBOLO</b> – [...] SIGNO, que é a essência da linguagem e corresponde à significação (v.) de formas linguísticas.</p> <p><b>DÊIXIS</b> – [...] Podemos dizer que o signo linguístico se apresenta em dois tipos – o SÍMBOLO, em que um conjunto sônico, representa ou simboliza, e o SINAL, em que o conjunto sônico indica ou mostra (v. símbolo). [...]</p>

## ANEXO

DICIONÁRIOS DE ESPECIALIDADE<sup>1</sup>

DICIONÁRIO	TERMOS
<p><b>Dicionário de Linguística e Gramática</b></p>	<p><b>LINGUAGEM</b> - Faculdade que tem o homem de exprimir seus estados mentais por meio de um sistema de sons vocais chamado língua (v.), que os organiza numa REPRESENTAÇÃO<sup>15</sup> compreensiva em face do mundo exterior objetivo e do mundo subjetivo interior. Pela atividade da linguagem ou FALA, – 1) faz-se a comunicação entre os homens – a) para transmissão de conhecimentos (função de informação), ou b) numa atuação de influenciamento psíquico de uns sobre outros (função de apelo); ou – 2) dá-se a exteriorização das paixões humanas sem intento direto de comunicação (função de exteriorização ou manifestação psíquica) (cf. Camara, 1959, 13s). A função da informação cria a linguagem intelectual pura, enquanto as do apelo e manifestação psíquica utilizam a representação linguística para a expressão do que se chama, em sentido lato, os “afetos” em contraste com a atividade de compreensão mental ou inteligência, criando a LINGUAGEM AFETIVA (cf. Bally, 1926).</p> <p>A linguagem se realiza, em princípio, numa espécie de drama entre o FALANTE (a pessoa que a transmite) e o OUVINTE (a pessoa a quem ela se dirige) na base de um ASSUNTO (a parcela de representação mental que nela se consubstancia), mas na manifestação psíquica o ouvinte não é levado diretamente em conta. Por outro lado, falante e ouvinte coincidem na mesma pessoa na atividade de linguagem chamada solilóquio (v.).</p> <p>A linguagem é uma faculdade imensamente antiga da espécie humana e deve ter precedido os elementos mais rudimentares da cultura material (Sapir, 1954, 23).</p> <p>LINGUAGEM AFETIVA [...]</p> <p>LINGUAGEM ESCRITA [...]</p> <p>LINGUAGEM INTELECTIVA [...]</p> <p>LINGUAGEM ORAL [...]</p> <p>LINGUAGEM SILENCIOSA [...]</p>
	<p><b>SIGNO</b> – v. símbolo; dêixis.</p> <p><b>SÍMBOLO</b> – [...] SIGNO, que é a essência da linguagem e corresponde à significação (v.) de formas linguísticas.</p> <p><b>DÊIXIS</b> – [...] Podemos dizer que o signo linguístico se apresenta em dois tipos – o SÍMBOLO, em que um conjunto sônico, representa ou simboliza, e o SINAL, em que o conjunto sônico indica ou mostra (v. símbolo). [...]</p>

<sup>15</sup> No *Dicionário de Linguística e Gramática*, as remissivas são marcadas com verbetes em caixa alta.

<p><b>Dicionário de Linguística e Fonética</b></p>	<p><b>Linguagem</b> Termo de sentido abstrato que se refere à faculdade biológica que possibilita aos indivíduos aprender a usar a sua LÍNGUA – uma capacidade implícita na noção de “dispositivo de AQUISIÇÃO da linguagem” da PSICOLINGUÍSTICA. Ainda em nível abstrato, a “linguagem” é uma característica do comportamento humano – as propriedades UNIVERSAIS de todos os sistemas de fala/escrita, especialmente quando caracterizadas por “traços do esquema” (como PRODUTIVIDADE, DUALIDADE, CAPACIDADE DE APRENDIZADO) ou “universais da língua” – (FORMAIS, SUBSTANTIVOS, etc.). A aplicação popular do termo se concentra nos modos de comunicação que não são fala ou escrita (a “linguagem do corpo”, a “linguagem dos olhos”). Pode ser aplicado ocasionalmente à comunidade animal natural (cf. ZOOSEMIÓTICA). Pode ser igualmente usado para indicar a “língua” ou o “dialeto” usado por uma comunidade específica, como sinônimo de jargão: “linguagem científica”, “linguagem médica”, “linguagem médica”, “linguagem econômica”, etc. Ver Robins 1979: Cap. 1; Bolinger e Sears 1981: Cap. 1</p> <p><b>Linguagem de assobios</b> [...]</p> <p><b>Linguagem formulaica</b> [...]</p> <p><b>Linguagem telegráfica</b>[...]</p>
	<p><b>SIGNO (significante, significado)</b> Diversas aplicações restritas do termo geral são encontradas nos estudos LINGUÍSTICOS e filosóficos da SIGNIFICAÇÃO. A filosofia discute especialmente os tipos de contrastes possíveis que existem nas noções como “signos”, “símbolos”, “sintomas” e “sinais”. Às vezes, “signo” é usado em sentido abrangente, como quando se diz que a SEMIÓTICA é a “ciência dos signos”. Na discussão linguística, no sentido mais difundido, as expressões linguísticas (PALAVRAS, SENTENÇAS, etc.) são consideradas “signos” das entidades, dos acontecimentos, etc. a que remetem (ou frequentemente, dos conceitos envolvidos). Esta relação entre signo e coisa, ou signo e conceito, é tradicionalmente conhecida como <b>significação</b>. A expressão <b>signo linguístico é usada quando se faz necessária uma distinção com outras categorias do signo (visual, tátil, etc.)</b>. O linguista suíço Ferdinand de SAUSSURE introduziu uma distinção terminológica que exerceu considerável influência sobre a subseqüente discussão linguística: <b>significante</b> (ou “significans”) se opunha a <b>significado</b> (ou “significatum”) e ele enfatizava a ARBITRARIEDADE da relação entre a FORMA e a SIGNIFICAÇÃO dos signos. Ver Lyons 1977b:Cap. 4.</p>

<p><b>Dicionário de Linguística</b></p>	<p><b>Linguagem</b>  <u>Linguagem é a capacidade específica à espécie humana de comunicar por meio de um sistema de signos vocais</u> (ou língua*), que coloca em jogo uma técnica corporal complexa e supõe a existência de uma função simbólica e de centros nervosos geneticamente especializados. Esse sistema de signos vocais utilizado por um grupo social (ou comunidade linguística) determinado constitui uma língua particular. Pelos problemas que apresenta, <u>a linguagem é o objeto de análises muito diversas</u>, que implicam relações múltiplas: a relação entre o sujeito e a linguagem, que é o domínio da psicolinguística; entre a linguagem e a sociedade, que é o domínio da sociolinguística; entre a função simbólica e o sistema que constitui a língua; entre a língua como um todo e as partes que a constituem; entre a língua como sistema universal e as línguas que são suas formas particulares; entre a língua particular como forma comum a um grupo social e as diversas realizações dessa língua pelos falantes, sendo tudo isso o domínio da linguística. Esses diversos domínios são necessária e estreitamente ligados uns aos outros.</p> <p>A melhor definição que se pode dar da linguística como ciência da linguagem (englobando, então, psicolinguística e sociolinguística) e ciência da língua e das línguas, ao mesmo tempo em seu funcionamento e desenvolvimento (ou transformação), é fornecida pela lista dos verbetes mais importantes contidos neste dicionário. [...]</p>
	<p><b>Signo</b>  O signo, no sentido mais geral, designa, assim como o símbolo, o índice, ou o sinal, um elemento A – de natureza diversa – substituto de um elemento B.</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. <i>Signo</i>, inicialmente, pode ser um equivalente de <i>índice</i>; o índice* – ou o signo – é um fenômeno mais frequentemente natural, imediatamente perceptível, que nos faz conhecer qualquer coisa em relação a um fenômeno não imediatamente perceptível: por exemplo, a cor sombria do céu é um signo – ou o indício – de uma tempestade iminente; [...]</li> <li>2. Em segundo lugar, o signo pode ser um equivalente de <i>sinal</i>. Neste sentido, o signo – ou sinal – faz parte da categoria dos indícios; ele possui as características do signo-indício (como o signo-indício, o signo-sinal é um fato imediatamente perceptível que permite conhecer qualquer coisa em relação a outro fato não imediatamente perceptível); mas duas condições são necessárias para que um signo seja considerado como sinal: <ol style="list-style-type: none"> <li>a) <b>é necessário que o signo tenha sido produzido para servir de índice. Portanto, ele não é</b> fortuito, mas produzido com uma intenção deliberada;</li> </ol> </li> </ol>

b) é necessário, por outro lado, que aquela a quem é destinada a indicação contida no sinal possa reconhecê-la. Um signo-sinal é, portanto, voluntário, convencional e explícito. Combinado com outros sinais da mesma natureza, ele forma um sistema de *signos* ou *código*. Num mesmo código, os signos podem ter diferentes formas:

–**forma gráfica: letras, cifras, [...]**

–**forma sonora: sons emitidos pelo aparelho vocal [...]**

–**forma visual: sinais gestuais, [...]**

3. **Signo**, enfim, pode ser um equivalente de símbolo\*. O signo-símbolo é mais frequentemente uma forma visual (e mesmo gráfica) figurativa. O signo-símbolo é o signo figurativo de uma coisa que tem aquele sentido: por exemplo, o signo figurativo que representa uma balança é o signo-símbolo da ideia abstrata de justiça.

4. No *Curso de Linguística Geral* de F. de Saussure, o termo *signo* adquiriu outra acepção: a de *signo linguístico*. F. de Saussure faz distinção entre símbolo e signo (tomado agora com o sentido de *signo linguístico*): ele pensa, [...], que existem inconvenientes em admitir que se possa utilizar a palavra símbolo para designar o *signo linguístico*. O símbolo, ao contrário do signo, tem por característica jamais ser arbitrário, isto é, existe um laço rudimentar entre significante e significado. [...] Com F. de Saussure, o signo linguístico foi instaurado como unidade de língua. Passa a ser a unidade mínima da frase, susceptível de ser reconhecido como idêntico num contexto diferente, ou de ser substituído por uma unidade diferente num contexto idêntico.

5. Os *signos linguísticos*, essencialmente psíquicos, não são abstrações. O signo – ou unidade – linguístico é uma entidade dupla, produto da aproximação de dois termos, ambos psíquicos e unidos pelo laço de associação. Une, com efeito, não uma coisa a um nome, mas um conceito a uma imagem acústica. [...] O signo linguístico, é, portanto, o que F. de Saussure denomina uma entidade de duas faces, a combinação indissolúvel, no interior do cérebro humano, do significado e do significante. [...]

6. O *signo linguístico*, tal como o definiu F. de Saussure, apresenta certo número de características essenciais:

a) Arbitrariedade do signo. [...]

b) Carácter linear do significante. [...]

c) Imutabilidade do signo. [...]

d) Mutabilidade do signo. [...]

7. [...]

8. Com o nascimento da teoria da comunicação e a influência direta desta sobre as pesquisas linguísticas, o *signo linguístico* adquire nova dimensão: ele se torna sinal, integrando o código de sinais que é a língua, considerada daí por diante como um sistema de comunicação. Os signos deste código linguístico são os fonemas –[...]

<p><b>Dicionário de Linguística da Enunciação</b></p>	<p><b>linguagem (1)</b> <i>s.f.</i> Bally  <b>Outras denominações:</b> linguagem natural.  <b>Definição:</b> conjunto dos sistemas estrutural e de uso da língua.  <b>Fonte da definição:</b> BAL51; BAL65; BAL67  <b>Nota explicativa:</b> A linguagem é o conjunto formado pela união do sistema de símbolos linguísticos e pelo sistema de unidades expressivas. O primeiro conjunto é constituído por associações e oposições de elementos na consciência dos sujeitos. Como os símbolos dificilmente correspondem às unidades de pensamento, os sujeitos, em seu meio social específico, criam o sistema expressivo, de fatos de expressão, isto é, um grupo de unidades que têm relação com a afetividade e com a subjetividade, atualizando-o constantemente a partir do uso. O termo <i>linguagem</i> está estreitamente ligado ao uso da língua e consta na primeira fase da obra de Bally, a Estilística. [...]  <b>Fonte da nota:</b> BAL51; BAL65; BAL67.  <b>Leitura recomendada:</b> CH185; DUR98; MED85.  <b>Termos relacionados:</b> língua (1), sujeito falante (1).</p> <p><b>linguagem (2)</b> <i>s.f.</i> Benveniste  <b>Definição:</b> faculdade de simbolizar inerente à condição humana.  <b>Fonte da definição:</b> BEN95: 27  <b>Nota explicativa:</b> assim entendida, a linguagem está diretamente ligada à intersubjetividade uma vez que, como uma faculdade de simbolizar, ela é a condição de existência do homem e como tal é sempre referida ao outro. A linguagem é constitutiva do homem na justa medida em que a intersubjetividade lhe é inerente. Dessa forma, pode-se considerar que a vinculação entre linguagem e intersubjetividade constitui uma espécie de <i>a priori</i> da teoria benvenistiana. Em testemunho disso, cabe lembrar o texto “Da subjetividade na linguagem”, de 1958, em que Benveniste diz que “Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem. E a linguagem ensina a própria definição do homem” (BEN95:285).  [...]  <b>Fonte da nota:</b> BEN89; BEN95; FLO07.  <b>Leitura recomendada:</b> FLO07.  <b>Termos relacionados:</b> língua (2), língua-discurso.</p> <p><b>linguagem (3)</b> <i>s.f.</i> Culioli  <b>Definição:</b> capacidade humana de construção de representação, referenciação e regulação passível de ser apreendida na diversidade das línguas.  <b>Fonte da definição:</b> FRA98.</p>
---	---

**Nota explicativa:** A linguagem, como uma atividade cognitiva de construção e reconhecimento de formas, é responsável pela constituição dos enunciados e pela construção da significação. Por ser cognitiva, essa atividade somente pode ser apreendida a partir daquilo que produz, ou seja, dos enunciados, partindo-se deles e a eles retornando. O conceito culioliano de linguagem pressupõe, portanto, uma contínua atividade epilinguística (atividade metalinguística não-consciente) que supõe a relação entre um modelo (competência) e a sua realização (performance). Desse modo, Culioli, cuja teoria tem por objeto de estudo a relação entre a linguagem e as línguas, toma por objeto de análise aquilo que é acessível ao linguista e passível de observação, ou seja, os enunciados e seus valores interpretativos. Desse modo, a linguagem, atividade significativa de representação, referenciação e regulação, somente é acessível através dos textos, isto é, dos arranjos de marcadores.

**Fonte da nota:** FRA98.

**Leitura recomendada:** FRA98; FUC75; FUC84.

**Termos relacionados:** enunciação (5), enunciador (4), linguística.

**linguagem (4) s.f.** Jakobson

**Definição:** sistema de signos linguísticos que tem seu funcionamento baseado nos processos de seleção e combinação.

**Fonte da definição:** JAK69b.

**Nota explicativa:** Em Jakobson, linguagem é sinônimo de funcionamento. Segundo o autor, “falar implica a seleção de certas entidades linguísticas e sua combinação em unidades linguísticas de mais alto grau de complexidade” (1969: 37). Essa possibilidade de arranjo se dá através da metáfora (seleção) e da metonímia (combinação). Tendo em vista que a linguagem é operacionalizada dessa forma, o autor apresenta suas diferentes funções (fática, conativa, metalinguística, referencial, emotiva e poética), que se fazem presentes de maneira hierárquica na fala do interlocutor, dependendo de fatores externos. Ou seja, “a diversidade de interlocutores e sua mútua adaptabilidade constituem fator de importância decisiva na multiplicação e diferenciação de subcódigos no âmbito de uma comunidade de fala e dentro da competência verbal de seus membros individuais” (1970: 27). [...]

**Fonte da nota:** EJA06; JAK69b; JAK70.

**Leitura recomendada:** JAK69b; JAK70.

**Termos relacionados:** língua (3), metáfora, metonímia.

**Linguagem natural s.f.** Bally

V. linguagem (1)

**Signo ideológico** *s.m.* Bakhtin**Definição:** forma variável e flexível da comunicação discursiva.**Fonte da definição:** BAK95b: 93.**Nota explicativa:** O signo ideológico não só existe como parte de uma realidade, mas também reflete a refrata uma realidade que lhe é exterior, apreendendo-a de um ponto de vista específico. Na relação signo/ideologia, pode-se dizer que sem signos não há ideologia. Todo signo é considerado ideológico e está sujeito a critérios de avaliação (verdadeiro, falso, correto, justificado, bom etc.), o que permite afirmar que não existe signo neutro. [...]**Fonte da nota:** BAK95b; 31-32, 34-36, 93.**Leitura recomendada:** BAK95b; CLA98; FAR03.**Termos relacionados:** acento de valor, refração, sinal.

Fonte: elaborado pelos autores a partir dos dicionários selecionados.